

A VEGETAÇÃO DA MATA RIBEIRINHA NO CURSO MÉDIO DO RIO JACUÍ, RS

Solon Jonas Longhi, Miguel Antão Durlo e José Newton Cardoso Marchiori
Departamento de Ciências Florestais. Centro de Ciências Rurais.UFSM.
Santa Maria, RS.

RESUMO

A composição florística e estrutura da mata ribeirinha na região do curso médio do Rio Jacuí foi caracterizada pela análise de 10 amostras. Encontrou-se uma alta heterogeneidade, grande densidade de indivíduos e presença de algumas espécies exclusivas para este tipo florestal na região.

SUMMARY

LONGHI, S.J.; DURLO, M.A. and MARCHIORI, J.N.C., 1982. The river bank vegetation in the mid flow of the Jacuí River, RS. *Ciência e Natura* (4):151-161.

The floristic composition and wood structure of the river bank of the Jacuí River mid flow was characterized through the analysis of ten samples. A high heterogene, large individual density and presence of some exclusive species for this type in the region, were found.

INTRODUÇÃO

O vale do curso médio do Rio Jacuí, originalmente, estava coberto por uma densa mata subtropical. A ocupação agrícola, nesta região, provocou um intenso desmatamento, restando atualmente uma cobertura florestal bastante reduzida. As áreas ainda com vegetação florestal localizam-se, principalmente, em encostas de difícil acesso, em faixas descontínuas às margens do Rio Jacuí, ou em pequenas ilhas.

Como a proximidade do rio fornece condições especiais para o desenvolvimento de certas espécies, procurou-se estudar separadamente este tipo florestal, que foi denominado de Mata Ribeirinha.

REVISÃO DE LITERATURA

A caracterização de um tipo florestal deve ser fundamentada, segundo RIZZINI (14), em caracteres fisionômicos e ecológicos.

A vegetação natural ocorrente às margens dos rios apresenta, devido às condições ecológicas específicas, uma composição florística e uma fisionomia singular, suficiente para caracterizá-la como um tipo florestal próprio.

É por este motivo, que na literatura fitogeográfica encontram-se termos como Mata de Igapô (HUECK, 9), Floresta Ripária, Mata de Galeria e Mata Ciliar (RIZZINI, 15) para denominar a vegetação associada aos rios. O primeiro destes termos é de uso restrito para a Mata Tropical Pluvial da Amazônia e os restantes, para a vegetação florestal associada aos rios em regiões campestres. Em virtude disso, preferiu-se denominar a mata em estudo de Mata Ribeirinha, por se tratar de uma vegetação que não é bem definida pela terminologia usual.

Os métodos de análise estrutural de Vegetação baseiam-se, normalmente, em cálculos de Abundância, Dominância e Frequência, conforme recomenda CAINE & CASTRO (3). BRAUN-BLANQUET (1) aconselha o uso do Valor de Cobertura (Abundância + Dominância Relativas), tendo em vista que a Frequência tem uma influência na hierarquia das espécies constituintes de um povoamento, quando estas se encontram uniformemente distribuídas.

A Abundância, segundo LAMPRECHT (10, 11), é o número de indivíduos das diferentes espécies existentes na floresta, referido por unidade de área (geralmente em hectare). A Abundância Relativa indica a participação das espécies em percentagem do número total de árvores levantadas.

Segundo FONT-QUER (7) e FÖRSTER (8), Dominância é a medida de projeção total do corpo das árvores. Como em florestas muito densas é difícil e praticamente impossível determinar os valores de projeção horizontal das copas das árvores, CAINE & CASTRO (3) sugerem que se utilize a Área Basal dos fustes como substituição à área de projeção das copas, já que existe estreita correlação entre ambas. Tal correlação foi encontrada por BRÜNIG & HEUVELDOP (2), LONGHI(12) e VOLKART (16) entre outros.

A regeneração natural é também um critério importante para a caracterização da vegetação e compreensão de sua dinâmica, como consideram FINOL (4, 5, 6) e PETIT (13).

MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa foi desenvolvida na área a ser inundada pela Barragem de Dona Francisca, às margens do Rio Jacuí e Jacuizinho, Estado do Rio Grande do Sul.

O levantamento da vegetação foi realizado em 10 amostras retangulares de 200 m² (10 x 20 m), dispostas paralelamente ao leito do rio e distribuídas ao acaso na área de estudo.

A regeneração natural foi avaliada por levantamentos em sub-amostras quadrangulares com área de 9 m².

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A mata ribeirinha apresenta um número elevado de espécies lenhosas (Tabela I). Este fato deve-se a ocorrência de várias espécies adaptadas a condições ecológicas particulares do local, além das entidades botânicas menos exigentes e de maior plasticidade.

TABELA I. NOME CIENTÍFICO E FAMÍLIA BOTÂNICA DAS ESPÉCIES LENHOSAS.

Nº	NOME CIENTÍFICO	FAMÍLIA
1	<i>Acacia recurva</i> Benth.	Leguminosae
2	<i>Actinostemom concolor</i> (Spreng.) Müll. Arg.	Euphorbiaceae
3	<i>Alchornea triplinervia</i> (Spreng.) Müll. Arg.	Euphorbiaceae
4	<i>Allophylus edulis</i> (Camb.) Radlk.	Sapindaceae
5	<i>Apuleia leiocarpa</i> (Vog.) Macbr.	Leguminosae
6	<i>Ateleia glazioviana</i> Bail.	Leguminosae
7	<i>Balfourodendron riedelianum</i> (Engler) Engler	Rutaceae
8	<i>Bauhinia candicans</i> Benth.	Leguminosae
9	<i>Blepharocalyx angustifolia</i> Berg	Myrtaceae
10	<i>Cabralea glaberrima</i> A. Juss.	Meliaceae
11	<i>Calliandra selloi</i> (Spreng.) Macbr.	Leguminosae
12	<i>Campomanesia xanthocarpa</i> (Mart.) Berg	Myrtaceae
13	<i>Casearia silvestris</i> Sw.	Flacourtiaceae
14	<i>Cestrum calycinum</i> Willd.	Solanaceae
15	<i>Chrysophyllum gonocarpum</i> (Mart. & Eichl.) Engl.	Sapotaceae
16	<i>Chrysophyllum marginatum</i> (Hook. & Arn.) Radlk.	Sapotaceae
17	<i>Cupania vernalis</i> Camb.	Sapindaceae
18	<i>Dalbergia frutescens</i> (Vell.) Britt.	Leguminosae
19	<i>Enterolobium contortosiliquum</i> (Vell.) Morong.	Leguminosae
20	<i>Erythroxylum deciduum</i> St. Hil.	Erythroxylaceae
21	<i>Eugenia rostrifolia</i> Legr.	Myrtaceae
22	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae
23	<i>Eugenia</i> sp.	Myrtaceae
24	<i>Fagara rhoifolia</i> (Lamm.) Engler	Rutaceae
25	<i>Ficus enormis</i> (Mart. ex Miq.) Miq.	Moraceae
26	<i>Ficus</i> sp.	Moraceae
27	<i>Gomidesia sellowiana</i> Berg.	Myrtaceae
28	<i>Inga marginata</i> Willd.	Leguminosae
29	<i>Lonchocarpus nitidus</i> (Vog.) Benth.	Leguminosae
30	<i>Luehea divaricata</i> Mart.	Tiliaceae
31	<i>Maba inconstans</i> (Jacq.) Griseb.	Ebenaceae
32	<i>Machaerium stipitatum</i> (DC.) Vog.	Leguminosae
33	<i>Manihot grahami</i> Hook.	Euphorbiaceae

TABELA I. Continuação.

Nº	NOME CIENTÍFICO	FAMÍLIA
34	<i>Matayba elaeagnoides</i> Radlk.	Sapindaceae
35	<i>Myrceugenia euosma</i> (Berg) Legr.	Myrtaceae
36	<i>Myrciaria tenella</i> (DC.) Berg	Myrtaceae
37	<i>Myrocarpus frondosus</i> FR. Allem.	Leguminosae
38	<i>Nectandra megapotamica</i> (Spreng.) Nees	Lauraceae
39	<i>Nectandra saligna</i> Nees ex Mart.	Lauraceae
40	<i>Ocotea puberula</i> Nees	Lauraceae
41	<i>Parapiptadenia rigida</i> (Benth.) Brenan	Leguminosae
42	<i>Pouteria gardneriana</i> (A. DC.) Radlk	Sapotaceae
43	<i>Pouteria salicifolia</i> (Spreng.) Radlk	Sapotaceae
44	<i>Prunus subcoriacea</i> (Chod. & Hassl.) Hoehne	Rosaceae
45	<i>Psychotria cartaginensis</i> Jacq.	Rubiaceae
46	<i>Randia armata</i> (SW.) DC.	Rubiaceae
47	<i>Rapanea lorentziana</i> Mez	Myrsinaceae
48	<i>Rapanea umbellata</i> (Mart.) Mez.	Myrsinaceae
49	<i>Rollinia exalbida</i> (Vell.) Mart.	Annonaceae
50	<i>Ruprechtia laxiflora</i> Meissn.	Polygonaceae
51	<i>Sebastiania klotzschiana</i> Müll. Arg.	Euphorbiaceae
52	<i>Sebastiania schottiana</i> (Müll. Arg.) Müll. Arg.	Euphorbiaceae
53	<i>Solanum verbascifolium</i> L.	Solanaceae
54	<i>Sorocea bonplandii</i> (Baill.) Burger	Moraceae
55	<i>Strychnos brasiliensis</i> (Spreng.) Mart.	Loganiaceae
56	<i>Tabebuia alba</i> (Cham.) SW.	Bignoniaceae
57	<i>Tabebuia umbellata</i> (Sond.) Sandw.	Bignoniaceae
58	<i>Terminalia australis</i> Camb.	Combretaceae
59	<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	Ulmaceae
60	<i>Trichilia catigua</i> A. Juss.	Meliaceae
61	<i>Trichilia elegans</i> A. Juss.	Meliaceae
62	<i>Trichilia hieronymi</i> Griseb.	Meliaceae
63	<i>Vitex megapotamica</i> (Spreng.) Mold.	Verbenaceae

Desta forma, observa-se na mata ribeirinha uma nítida influência da oscilação do nível d'água na distribuição das espécies.

Sobre o solo pedregoso, resistindo à força da água corrente e suportando submersão temporária, são características: *Calliandra selloi*, *Pouteria salicifolia*, *Sebastiania schottiana* e *Terminalia australis*.

Em condições mais estáveis ocorrem ainda *Salix humboldtiana*, *Calliandra tweedii*, *Celtis spinosa*, *Ateleia glazioviana*, *Sebastiania*

Klotzchiana, *Luehea divaricata*, *Rapanea ferruginea*, *Fagara hiemalis*, *Casearia silvestris*, *Eugenia uniflora* e *Aloysia sellowii*.

Em zonas mais elevadas a vegetação assemelha-se quanto a fisionomia e composição florística, à mata secundária ocorrente na região.

Deve-se ressaltar que, das espécies acima citadas, o timbô (*Ateleia glazioviana*) é árvore típica das regiões fisiográficas do Planalto Médio e Alto Uruguai, e que *Sebastiania Schottiana* e *Terminalia australis* são espécies abundantes nas matas ciliares da Depressão Central e Campanha.

Na Tabela I, pode-se observar, ainda, que as famílias Leguminosae, Myrtaceae e Euphorbiaceae, são as melhores representadas em número de espécies neste tipo florestal.

Na Tabela II estão relacionadas as espécies não lenhosas encontradas na mata ribeirinha, predominando os representantes das famílias Polypodiaceae, Gramineae e Compositae.

TABELA II. NOME CIENTÍFICO E FAMÍLIA BOTÂNICA DAS ESPÉCIES NÃO LENHOSAS.

Nº	NOME CIENTÍFICO	FAMÍLIA
1	<i>Acalypha gracilis</i> Spreng.	Euphorbiaceae
2	<i>Acalypha hispida</i> Burm.	Euphorbiaceae
3	<i>Acalypha multicaulis</i> Müll. Arg.	Euphorbiaceae
4	<i>Adiantum cuneatum</i> Langsd. & Fisch.	Polypodiaceae
5	<i>Adiantum</i> spp.	Polypodiaceae
6	<i>Alternanthera micrantha</i> R. E. Fries	Amaranthaceae
7	<i>Aнемia phyllitidis</i> (L.) Sw.	Schizaeaceae
8	<i>Aristolochia triangularis</i> Cham. & Schlecht.	Aristolochiaceae
9	<i>Arrabidaea ohica</i> (H. et B.) Verlot.	Bignoniaceae
10	<i>Axonopus compressus</i> (Sw.) Beauv.	Gramineae
11	<i>Baccharis</i> sp.	Compositae
12	<i>Blainvillea biaristata</i> DC.	Compositae
13	<i>Blechnum</i> spp.	Polypodiaceae
14	<i>Bohemeria caudata</i> Sw.	Urticaceae
15	<i>Cardiospermum halicacabulum</i> L.	Sapindaceae
16	<i>Chaptalia nutans</i> (L.) Hensl.	Compositae
17	<i>Chomelia obtusa</i> Cham. & Schlecht.	Rubiaceae
18	<i>Chusquea ramosissima</i> Lindm.	Gramineae
19	<i>Clivia miniata</i> (Hook.) Regel	Amaryllidaceae
20	<i>Combretum fruticosus</i> (Loefl.) Stuntz	Combretaceae
21	<i>Cyperus hermafroditus</i> (Jacq.) Standl.	Cyperaceae
22	<i>Cyperus rotundus</i> L.	Cyperaceae

TABELA II. Continuação.

Nº	NOME CIENTÍFICO	FAMÍLIA
23	<i>Cyperus</i> sp.	Cyperaceae
24	<i>Dalechampia micromeria</i> Baill.	Euphorbiaceae
25	<i>Desmodium affine</i> Schlecht.	Leguminosae
26	<i>Desmodium uncinatum</i> (Jacq.) DC.	Leguminosae
27	<i>Doryopteris multipartita</i> (Feë) Sehnem	Polypodiaceae
28	<i>Doryopteris</i> sp.	Polypodiaceae
29	<i>Doxantha unguis-cati</i> (L.) Miers.	Bignoniaceae
30	<i>Doryopteris</i> spp.	Polypodiaceae
31	<i>Elephantopus mollis</i> HBR.	Compositae
32	<i>Hybanthus bigibosus</i> (St. Hil.) Hassl.	Violaceae
33	<i>Hydrocotyle leucocephala</i> Cham. & Schlecht	Umbelliferae
34	<i>Hypoxis decumbens</i> L.	Amaryllidaceae
35	<i>Ichnanthus pallens</i> (Sw.) Munro ex Benth.	Gramineae
36	<i>Mikania cyananchifolia</i> H. & A.	Compositae
37	<i>Nephrolepis</i> spp.	Polypodiaceae
38	<i>Ocimum selloi</i> Benth.	Labiatae
39	<i>Olyra humilis</i> Nees	Gramineae
40	<i>Oplismenus hirtellus</i> (L.) Beauv.	Gramineae
41	<i>Oplismenus setarius</i> (Lam.) Roem. & Sch.	Gramineae
42	<i>Oxalis articulata</i> Savigny	Oxalidaceae
43	<i>Oxalis malobolba</i> Cav.	Oxalidaceae
44	<i>Oxalis martiana</i> Zucc.	Oxalidaceae
45	<i>Passiflora elegans</i> Master	Passifloraceae
46	<i>Pavonia sepium</i> St. Hil.	Malvaceae
47	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Phytolaccaceae
48	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Euphorbiaceae
49	<i>Piper gaudehaudianum</i> Kunth	Piperaceae
50	<i>Pithecoctenium achinatum</i> (Jacq.) K. Scham.	Bignoniaceae
51	<i>Pteridium aquilinum</i> (L.) Ruhn	Polypodiaceae
52	<i>Relbunium hypocapium</i> (L.) Hemsley	Rubiaceae
53	<i>Ruellia angustifolia</i> (Nees) Lind.	Acanthaceae
54	<i>Sarchorachis obtusa</i> (Miq.) Trell.	Piperaceae
55	<i>Serjania</i> sp.	Sapindaceae
56	<i>Sida rhombifolia</i> L.	Malvaceae
57	<i>Smilax brasiliensis</i> Spreng.	Liliaceae
58	<i>Smilax</i> sp.	Liliaceae
59	<i>Talinum paniculatum</i> (Jacq.) Gaertn.	Portulacaceae
60	<i>Tradescantia fluminensis</i> Vell.	Commelinaceae
61	<i>Tripogandra elongata</i> (G.G. Meyer) Wood.	Commelinaceae
62	<i>Zebrina pendula</i> Schmiszl.	Commelinaceae

A fisionomia do estrato inferior na mata ribeirinha é, ainda, fortemente caracterizada pela abundância de *Relbunium hypocarpium*, *Hydrocotyle leucocephala* e espécies das famílias Oxalidaceae, Piperaceae, Acanthaceae e Cyperaceae. *Serjania* sp. (Sapindaceae) é a liana mais freqüente.

A abundância absoluta e relativa das espécies com DAP > 10 cm é apresentada na Tabela III. Encontrou-se elevado número de indivi

TABELA III. ABUNDÂNCIA, DOMINÂNCIA E VALOR DE COBERTURA DAS ESPÉCIES COM DAP \geq 10 CM.

Nº	ESPÉCIES	ABUNDÂNCIA		DOMINÂNCIA		VALOR DE COBERTURA
		ABSOLUTA (Nº/Ha)	RELATIVA (%)	ABSOLUTA (m ² /Ha)	RELATIVA (%)	
1	<i>Alohornoea triplinervia</i>	12	1,53	0,1742	0,87	1,20
2	<i>Allophylus edulis</i>	8	1,02	0,1131	0,57	0,80
3	<i>Apuleia leiocarpa</i>	4	0,51	0,5845	2,93	1,72
4	<i>Ateleia glazioviana</i>	4	0,51	0,2020	1,01	0,76
5	<i>Bauhinia candicans</i>	20	2,56	0,2730	1,37	1,96
6	<i>Blephoroaalix angustifolius</i>	4	0,51	0,0628	0,32	0,42
7	<i>Cabralea glaberrima</i>	16	2,05	0,5420	2,72	2,38
8	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	28	3,58	0,9816	4,93	4,25
9	<i>Casearia silvestris</i>	16	2,05	0,4165	2,09	2,07
10	<i>Chomelia obtusa</i>	4	0,51	0,0374	0,19	0,35
11	<i>Chrysophyllum gonocarpum</i>	36	4,60	0,8261	4,15	4,38
12	<i>Chrysophyllum marginatum</i>	32	4,09	0,7825	3,93	4,01
13	<i>Cupania vernalis</i>	8	1,02	0,0744	0,37	0,70
14	<i>Enterolobium contortisiliquum</i>	12	1,53	0,2375	1,19	1,36
15	<i>Eugenia involucrata</i>	4	0,51	0,0374	0,19	0,35
16	<i>Eugenia rostrifolia</i>	12	1,53	0,0974	0,49	1,01
17	<i>Eugenia</i> sp.	4	0,51	0,0424	0,21	0,36
18	<i>Ficus organensis</i>	12	1,53	0,2077	1,04	1,29
19	<i>Gomidesia sellowiana</i>	4	0,51	0,0424	0,21	0,34
20	<i>Inga marginata</i>	28	3,58	0,3318	1,66	2,62
21	<i>Lonchocarpus nitidus</i>	99	12,66	3,2380	16,25	14,45
22	<i>Luehea divaricata</i>	12	1,53	1,6349	8,20	4,86
23	<i>Maba inconstans</i>	4	0,51	0,3927	1,97	1,60
24	<i>Machaerium stipitatum</i>	45	5,75	0,7096	3,56	4,65
25	<i>Manihot grahami</i>	4	0,51	0,4069	2,04	1,28
26	<i>Matayba elaeagnoides</i>	44	5,63	1,3619	6,83	6,23
27	<i>Myrciaria tenella</i>	4	0,51	0,0320	0,16	0,41
28	<i>Myrcarpus frondosus</i>	8	1,02	0,1742	0,87	0,95
29	<i>Nectandra megapotamica</i>	61	7,80	0,6969	3,52	8,16
30	<i>Nectandra saligna</i>	4	0,51	0,0602	0,30	0,36
31	<i>Oocotea puberula</i>	16	2,05	0,2274	1,14	1,59
32	<i>Parapiptadenia rigida</i>	8	1,02	0,0935	0,47	0,74
33	<i>Pouteria gardneriana</i>	4	0,51	0,0656	0,33	0,44
34	<i>Pouteria salicifolia</i>	40	5,12	0,8632	4,33	4,72
35	<i>Prunus subcordata</i>	4	0,51	0,0395	0,20	0,36
36	<i>Rapanea lorentziana</i>	28	3,58	0,8687	4,36	3,97
37	<i>Rapanea umbellata</i>	4	0,51	0,1637	0,82	0,66
38	<i>Rollinia exalbida</i>	4	0,51	0,0493	0,25	0,38
39	<i>Ruprechtia laxiflora</i>	44	5,63	0,9105	4,57	5,10
40	<i>Sebastiania klotzschiana</i>	37	4,73	0,4327	2,17	3,45
41	<i>Tabebuia alba</i>	4	0,51	0,0320	0,16	0,34
42	<i>Terminalia australis</i>	8	1,02	0,0848	0,43	0,72
43	<i>Trema micrantha</i>	4	0,51	0,0493	0,24	0,38
44	<i>Trichilia elegans</i>	4	0,51	0,0320	0,16	0,34
45	<i>Vitex megapotamica</i>	20	2,56	0,2423	1,22	1,89
T O T A L		778	100	19,9286	100	100

duos por hectare (778 árvores/ha), indicando que a mata ribeirinha na região em estudo encontra-se em estágio inicial de desenvolvimento. Esta observação é também confirmada pelo grande número de espécies com ocorrência relativamente homogênea, das quais salientam-se *Lonchocarpus nitidus*, *Nectandra megapotamica*, *Machaerium stipitatum*, *Matayba elaeagnoides*, *Reprechtia laxiflora*, *Pouteria salicifolia*, *Chrysophyllum gonocarpum* e *Chrysophyllum marginatum*.

Da análise do Valor de Cobertura (Tabela III) pode-se concluir que as espécies mais características da mata ribeirinha como um todo, são *Lonchocarpus nitidus*, *Nectandra megapotamica*, *Matayba elaeagnoides*, *Ruprechtia laxiflora*, *Luehea divaricata*, *Pouteria salicifolia* e *Machaerium stipitatum*. Deve-se ressaltar, entretanto, que *Salix humboldtiana*, *Ateleia glazioviana*, *Terminalia australis* e *Sebastiania schottiana* são também importantes na fisionomia desse tipo florestal especialmente nas proximidades do leito do rio.

A maior parte dos indivíduos encontrados em regeneração natural (Tabela IV) são de espécies umbrófilas e abundantes no sub-bosque, tais como *Actinostemon concolor*, *Calliandra selloi*, *Cupania vernalis*, *Allophylus edulis*, *Matayba elaeagnoides*, *Inga marginata* e *Sebastiania klotzchiana*. Com exceção de *Calliandra selloi*, que é típica desse tipo florestal, tratam-se de espécies plásticas e importantes na composição fisionômica e estrutural do sub-bosque em matas subtropicais do Rio Grande do Sul.

TABELA IV. ABUNDÂNCIA DAS ESPÉCIES LENHOSAS EM REGENERAÇÃO NATURAL.

Nº	ESPÉCIES	ABUNDÂNCIA RELATIVA %
1	<i>Acacia recurva</i>	1,09
2	<i>Actinostemon concolor</i>	14,78
3	<i>Allophylus edulis</i>	5,65
4	<i>Bauhinia candicans</i>	2,39
5	<i>Cabralea glaberrima</i>	0,22
6	<i>Calliandra selloi</i>	12,83
7	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	1,52
8	<i>Casearia silvestris</i>	4,13
9	<i>Cestrum calycinum</i>	0,43
10	<i>Chrysophyllum gonocarpum</i>	1,30
11	<i>Cupania vernalis</i>	7,60
12	<i>Dalbergia frutescens</i>	0,65
13	<i>Eugenia rostrifolia</i>	1,74
14	<i>Eugenia uniflora</i>	3,26
15	<i>Inga marginata</i>	6,30

TABELA IV. Continuação.

Nº	ESPÉCIES	ABUNDÂNCIA RELATIVA %
16	<i>Lonchocarpus nitidus</i>	3,04
17	<i>Luehea divaricata</i>	3,26
18	<i>Machaerium stipitatum</i>	1,09
19	<i>Matayba elaeagnoides</i>	8,70
20	<i>Myrceugenia euosma</i>	2,39
21	<i>Myrciaria tenella</i>	2,61
22	<i>Myrocarpus frondosus</i>	0,22
23	<i>Nectandra megapotamica</i>	0,65
24	<i>Parapiptadenia rigida</i>	0,87
25	<i>Prunus subcoriacea</i>	0,87
26	<i>Psychotria cartaginensis</i>	0,22
27	<i>Randia armata</i>	0,22
28	<i>Rapanea lorentziana</i>	0,65
29	<i>Rapanea umbellata</i>	0,43
30	<i>Rollinia exalbida</i>	0,65
31	<i>Sebastiania klotzchiana</i>	5,43
32	<i>Solanum verbascifolium</i>	0,22
33	<i>Sorocea bonplandii</i>	2,83
34	<i>Strychnos brasiliensis</i>	0,43
35	<i>Tabebuia umbellata</i>	0,22
36	<i>Trichilia catigua</i>	0,43
37	<i>Trichilia hieronymi</i>	0,65
T O T A L		100 = 51.000

A regeneração natural das espécies de importância comercial encontram-se em percentagens significativamente menores. Este fato pode ser atribuído, entre outros fatores, à pequena abundância de árvores matrizes destas espécies.

CONCLUSÕES

A mata ribeirinha apresenta-se em manchas descontínuas na região do curso médio do Rio Jacuï, RS, e compõe-se de um número elevado de espécies arbóreas. Nesta mata, observa-se a ocorrência exclusiva de diversas espécies não presentes em outros tipos da região do referido rio. Do ponto de vista de sua utilização a mata ribeirinha apresenta-se pobre.

ZUSAMMENFASSUNG

LONGHI, S.J.; DURLO, M.A. und MARCHIORI, J.N.C., 1982. Die Ufervegetation der Mittelstrecke des Jacuiflusses, RS. *Ciência e Natura*(4):151-161.

Die Zusammensetzung und Struktur des Waldes am Ufer der Mittelstrecke des Jacuíflusses wurde nach Verarbeitung von 10 Stichproben charakterisiert. Es wurde eine hohe Heterogenität, grosse Stückzahl/ha und Anwesenheit einige typische Baumarten getroffen.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRAUN-BLANQUET, J. *Fitosociología - Bases para el estudio de las comunidades vegetales*. Madrid, H. Blume Ediciones, 1979. 820p.
2. BRÜNING, E.F. & HEUVELDOP, J. Structure and functions in natural and man-made forests in the humid tropics. In: IUFRO WORLD CONGRESS, 16., Norway, 1976. p. 500-511.
3. CAINES, S.A. & CASTRO, G.M. de O. Application of some phytosociological techniques to Brazilian Rain Forest. *Amer. J. Bot.*, 43 (3): 205-217, 1956.
4. FINOL, U., H. Possibilidades de Manejo Silvicultural para las reservas forestales de la Region occidental. *Rev. For. Venez.*, 12(17): 81-107, 1969.
5. _____. Nuevos parámetros a considerarse en el análisis estructural de las selvas vírgenes tropicales. *Rev. For. Venez.*, 14 (21): 29-42, 1971.
6. _____. Metodos de regeneración natural en algunos tipos de bosques Venezolanos. *Rev. For. Venez.*, 19(26): 17-44, 1976.
7. FONT-QUER, P. *Diccionario de botánica*. Barcelona, Labor, 1975. 1244p.
8. FÖRSTER, M. Strukturanalyses eines tropischen Regenwaldes in Kolumbien. *Allg. Forst.-u. J.-ztg.*, 144 (1): 1-8, 1973.
9. HUECK, K. *As florestas da América do Sul*. São Paulo, Polígono, 1972. 466 p.
10. LAMPRECHT, H. Ensayo sobre unos metodos para el Análisis Estructural de los bosques tropicales. *Acta Científica Venezolana*, 13 (2): 57-65, 1962.
11. _____. Ensayo sobre la estructura florística de la parte sur-oriental del Bosque Universitario "El Caimital" - Estado Barinas, *Rev. For. Venez.*, 7(10-11): 77-119, 1964.
12. LONGHI, S.J. *A estrutura de uma floresta natural de Araucária angustifolia (Bert.) O. Ktze., no sul do Brasil*. Curitiba, Curso de Pós-Graduação em Engenharia Florestal - UFPr, 1980. 198 p. (Dissertação de Mestrado).
13. PETIT, P.M. Resultados preliminares de unos estudios sobre la regeneración natural espontanea en el bosque "El Caimital". *Rev. For. Venez.*, 12(18): 9-21, 1969.
14. RIZZINI, C.T. Nota prévia sobre a divisão fitogeográfica do Brasil. *Rev. Bras. Geogr.*, 25(1): 3-64, 1963.
15. RIZZINI, C.T. *Tratado de Fitogeografia do Brasil: aspectos socio*

lógicos e florísticos. São Paulo, HUCITEC-Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. 374 p.

16. VOLKART, C.M. Determinación de la relación diámetro copa: diámetro tronco en *Araucaria angustifolia* e *Pinus elliottii* en la Provincia de Misiones. In: CONGRESO FORESTAL ARGENTINO, 1., Buenos Aires, 1969. *Actas del*. p. 231-237.

Recebido em agosto, 1982; aceito em outubro, 1982.

